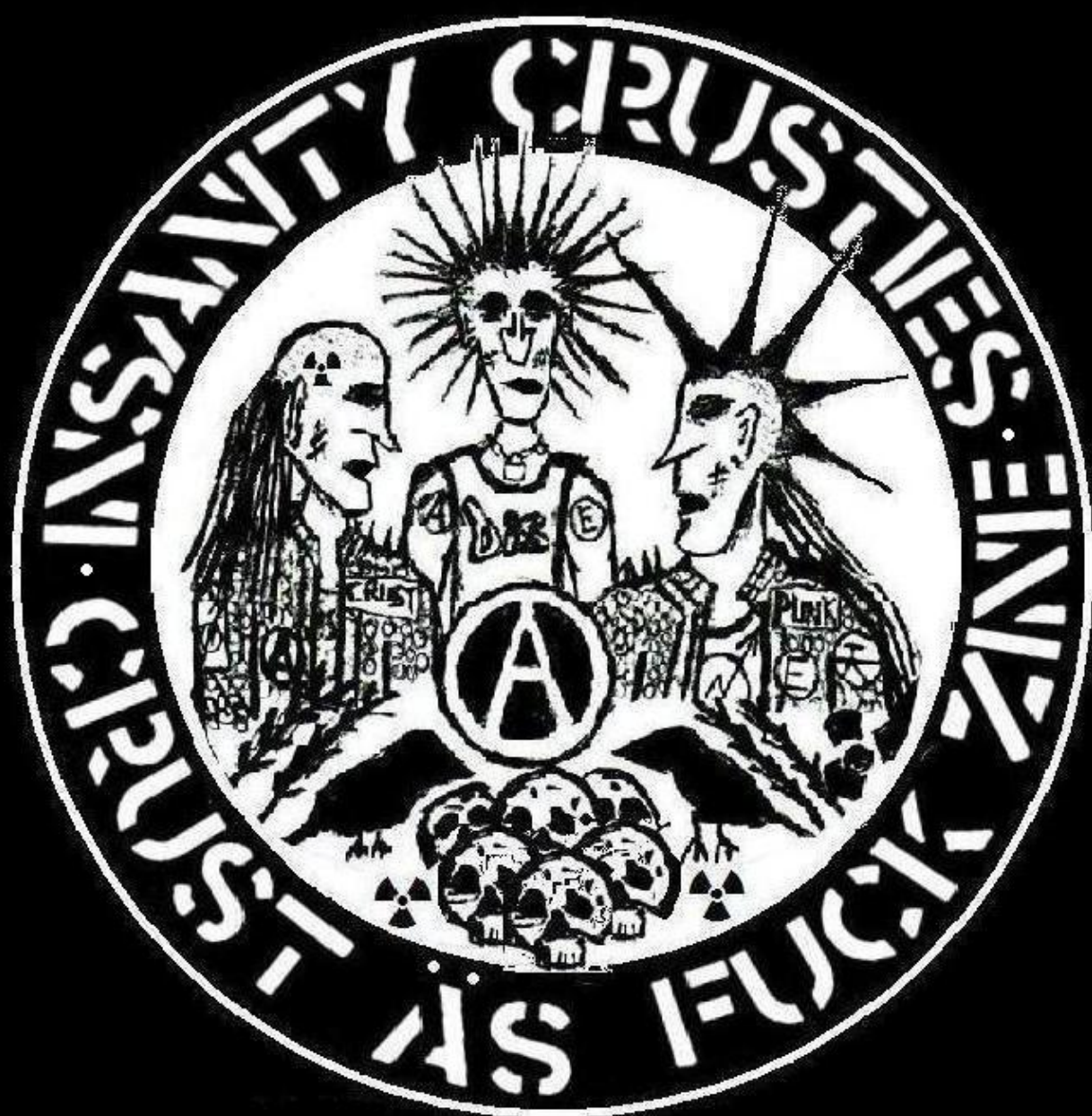
INSANITY CRUSTIES #1
ANARCOPUNK CRUST AS FUCK ZINE

ENTREVISTAS COM:

RANCOR

DEFY

DISTANASIA

MAIS...

BIOGRAFIA - MAN * THE CONVEYORS

TEXTOS Y AFINS...

EDITORIAL

Hëy Galerë!

Em suas mãos a primeira edição do zine crust INSANITY CRUSTIES. O zine nasce devido a falta de zines voltados para cena crust brasileira, a intensão é ser um espaço para divulgação e difusão de idéias, grupos, indivíduos e materiais afins relacionados à nossa cena, mas não só música e gigs, tratar também de questões políticas e libertárias.

O nome do zine foi retirado de uma colagem do zine japonês CRUST WAR e é uma pichação que lanço faz alguns anos.

Nesta primeira edição temos entrevistas com três bandas atuais e atuantes na cena crust, Rancor, Defy e Distanásia. Algumas perguntas foram parecidas para todas, exatamente para termos pontos de vista diferentes sobre um mesmo ponto. As entrevistas foram bem legais e servem para termos mais contato com as idéias de cada uma delas, meus sinceros agradecimentos a Caleb, Nal, Bal, Maldito, Falão e Denis Maka por perderem tempo respondendo entrevista, as respostas foram todas sinceras e interessantes!

Temos também 3 textos, um do Hakim Bey sobre CAOS, um trecho de uma carta do coletivo ACME sobre práticas do BLACK BLOCK e um do Foucault sobre fascismo, não tratanto do fascismo político em si, mas do que ocorre no dia-a-dia.

Os desenhos dos cabeçalhos das seções são de HUSH (Jeremy Clark).

A idéia do zine é ser um espaço para cena, então, quem quiser participar, mandar texto, resenha, entrevista o espaço está aberto.

E-mail para contato:
insanitycrusties@gmail.com

Sobre o formato

Este zine está saindo em papel e em PDF, o motivo de sair em PDF se deve ao fato de atingir mais pessoas, muitos zines gringos só temos acesso devido a este formato, que é gratuito e de fácil divulgação, além de não haver nenhum tipo de limite para cópias, mas também não abro mão do papel e da distribuição de mão em mão, elemento importantíssimo dentro da cultura punk e da cultura zineira. Em geral gosto de fazer zine a mão, escrever e desenhar a mão livre, recortar tiras de frases, fazer recortes de imagens e ficar com a mão grudando para fazer colagens, mas considerei que como iria sair em PDF o formato de texto corrido e de fonte clara e objetiva ficaria mais fácil, tanto compreensão, quanto cópia.

Este zine é uma produção DIY.

AGRADECIMENTOS

Rancor, Defy, Distanásia, aos queridos amigos Alex e Bruna Wolfgang Distro, Mudinho (RIP) Marina Knup, Joaquim, Tato, Pamela, Iara, Bonga, Katy, Marcelo, Josimas, Andreza, Denito, Duka y a todos que tornam a cena um lugar agradável e libertário!

gritão

Entrevista RANCOR

Banda anarcopunk, baiana, de crustcore que começou suas atividades em novembro de 2008. Conta com membros e ex membros de bandas como: expurgado, escato, neurastenia e lágrimas de ódio. A entrevista foi ótima e as respostas diretas e sinceras, coisa que anda em falta na cena anarcopunk!

***Quando a banda começou?**

Nal: A Rancor começou em novembro/2008, quando eu e Caleb estávamos conversando sobre montar uma banda e ele chamou Bal, que já tocava com ele na Lágrimas de Ódio e são amigos há tempos, e eu chamei Maldito, amigo de anos. Eu não tinha aproximação com Bal, e Maldito não tinha aproximação nem com Bal nem com Caleb. Marcamos o ensaio no estúdio e foi amor à primeira vista. O entrosamento bateu, sintonia forte, e estamos até hoje nos aturando. Costumo sempre dizer que em banda tem que se ter amizade/sinceridade acima de tudo, pra mim não é só querer tocar um som legal ou ter as mesmas idéias. É o que penso.

***Quais são os materiais lançados até agora?**

Caleb: Nós ainda não gravamos nada em estúdio, temos uma gravação totalmente F.V.M, feita aqui em casa durante um ensaio há algum tempo, e com ela já participamos de algumas coletâneas: **Ataque ao estado fascista** iniciativa de Danilo ruptura records , **Nuestro ruído, nuestra arma I** coletânea anarcopunk q teve uma boa distribuição em vários locais da América Latina principalmente , **Nuestro ruído nuestra arma II** e **Destruyendo fronteras**, essa última com bandas de todo o mundo, todas elas em formato digital ou disponíveis em cd-r.
Esperamos, de verdade, gravar logo para poder continuar espalhando o rancor por aí, rs...

***Qual a formação inicial e a atual?**

Nal: A formação é a mesma até hoje: Nal (guitarra), Bal (bateria), Maldito (vocal) e Caleb (baixo e voz).

***Qual foi a proposta política e sonora inicial da banda?**

Nal: Acredito que cada indivíduo da banda tem sua particularidade sobre política e som. Mas no geral, a proposta política é a anarquista/punk/libertária, e a sonora, tudo que está atrelado ao punk, mas fazemos a linha que chamam de crustcore.

Maldito: A proposta inicial é a mesma ainda hoje. Focada em distribuir pensamentos subversivamente apolíticos e anticlericais, anti-militar, anti-social etc. sendo a banda uma ramificação da nossa ideologia acracista. Buscando a destruição do sistema vigente. Com um comportamento (in)moral e (in)civilizado. Ou seja, não nos enquadramos nos moldes sociais.

***Quais bandas são influencia para voces?**

Bal: disrupt, warcollapse, wolfpack...

Nal: hardcore em geral, mais na linha puxada ao crust e um pouquinho de metaleragem. E um punkrock é bom pra relaxar às vezes. .

Maldito: Disrupt, Agathocles, Assuck, Mob 47, ENT. Etc.

***E de bandas brasileiras?**

Bal: Escato, execradores...

Nal: Escato e Neurastenia (sou suspeito pra falar dessas duas.. hehehehe), Execradores, Discarga Violenta, Rot, Abuso Sonoro... enfim... são tantas que seria injusto esquecer de alguma. No geral, bandas de amigos e que tenham afinidades.

Caleb: Então, tanto bandas de fora como nacionais são uma enormidade de nomes, mas acredito que você esteja se referindo em influências para a rancor, se for isso, com certeza as respostas de Bal e Nal representam o pensamento de todos nós.

***Fora da musica, o que influencia o som e as letras da banda?**

Nal: O dia a dia, essa politicagem que nos cerca, o rancor pelas coisas que desprezamos e a esperança que nos alimenta em alguma mudança, seja ela a nível pessoal, social, em qualquer âmbito.

Bal: um tanto de literatura, Nietzsche e outros...

Caleb: As experiências que venceram o tempo e chegaram até nós, seja através de contos ou escritos, sobre a teimosia de tentar viver de modo diferente ao aceito pela maioria, a busca pela autogestão e uma forma de vida o mais livre possível pautada em valores que acreditamos ser fundamentais e que transmitimos em nossas letras, o anarquismo de um modo geral. Particularmente posso falar do espaço Insurgente, squatt korrcell, j13 e muitas pessoas q conheci e tenho conhecido e q são prova e exemplo vivo de que/do

quanto se vale lutar por algo que acredita; curto bastante as seguintes leituras também: Onfray, Chomsky, Camus e Kundera, B. Russell, etc.

Maldito: Eu e Caleb dividimos a maioria das letras, nelas são encontradas inúmeras influencias, passando por historia, filosofia, acracismo, poesia, romance, revoluções sociais, a realidade que nos cerca etc. cito alguns nomes para mim como: Makhno, Bakunin, Proudhon, Stirner, Nechayev, Volin, , Jaime Cumbeiro, Edgard Rodrigues, Fábio Luz. Platão, Sócrates, Kant, Nietzsche, Jose Saramago, Charles Baudelaire, Camus, dentre muitos outros, etc. Mais todos na banda gostam de ler.

***Como está a cena anarcopunk/crust na regiao de vcs?**

Nal: Em Salvador, está morta. Há bandas e pessoas, mas não há uma "cena". Sem querer ser saudosista, mas na época do Espaço Insurgente a coisa era movimentada, pois havia um ponto de referência, local de encontro. Acredito que quando não há uma "âncora", a coisa fica solta no ar, sem rumo.

Bal: Não existe. Existem poucas bandas, poucos coletivos, as bandas de fora não tem grande interesse em vir para o nordeste, até porque tem pouca gente pra correr atrás, pra fazer com que haja mais proximidade, não acredito que sejamos os únicos a passar por isso.

Maldito: A cena anarcopunk por aqui resume-se a poucos indivíduos, isso ficou mais restrito ao pessoal que veio do MAP, depois tivemos o espaço insurgente que infelizmente fechou, perdemos um ponto de encontro, de debate, de troca de material, local de show etc. Agora tem sido feito pouca coisa, mas estas, com muita qualidade, respeito e paixão como merece o anarcopunk/crust.

Caleb: Realmente não vejo uma cena, um movimento hoje na nossa região; temos indivíduos espalhados, gente que acredita, de fato e se esforça para fazer com que o punk não morra... Pelos contatos que tenho tido, posso te dizer que tem uma molecada chegando, alguns anarcopunx, outros apenas anarquistas, mas gente com vontade de fazer, sabe?! Aquele espírito inquieto, querendo produzir e isso nos motiva a continuar também. A Bahia é um estado muito grande, o maior do Nordeste, então já é difícil para nós sabermos ao certo tudo que acontece por aqui, um exemplo disso é a falta de proximidade que eu e Bal tínhamos com Maldito, por exemplo, antes do início da banda. Depois de um momento de crise profunda, o fim do Insurgente, tudo ficou ainda mais difícil e disperso, pois as capitais "são", ao menos a maioria das pessoas vêm dessa forma, o centro de tudo.

Nesses últimos anos têm acontecido muito mais eventos na região metropolitana e no recôncavo baiano que na capital, e tem o lado bom nisso, pois está havendo a descentralização e necessidade de muitxs q nunca saíam de sua cidade do centro buscar gigs, info, companheirxs, etc. nos arredores...
Esses últimos dois anos já se apresentaram como promissores, e tenho certeza que muita coisa ainda vai acontecer em torno dessa "nova" movimentação e que ainda vamos ter gratas surpresas devido a isso.

***Vocês estiveram em $ão paulo recentemente, me contem como foi, e quais as impressoes que vcs tiram da cena atual de $ão paulo.**

Nal: Tenho ótim@s amig@s em SP, mas isso aí é um caos. hehehe. Aqui, de fora, às vezes vejo muita competição de egos, e muita gente que acha que só em SP que tem punk. Tem que se abrir os olhos e mentes, pois muita coisa acontece fora daí. E isso é ruim, pois não se cria vínculos.

Maldito: Um verdadeiro mundo de diversidade, a facilidade para promover eventos é grande, material tanto sonoro e literário em abundancia. As bandas têm melhores condições para lançar seus materiais, uma cidade multi-cultural. Nos dias que passamos por ai foi muito bom, vimos velhos amigos, fizemos novos, de tamanha relevância, mantivemos bons contatos com trocas de boas experiências. Sabemos também que SP e suas divergências são múltiplas. Na Bahia também temos, mas em SP as proporções são maiores. São inúmeros grupos e suas brigas, canalizando suas revoltas um tanto quanto equivocadas, etc. Mais apesar de tudo gostamos muito. E estamos pronto para outras terapias (tocadas) por ai, com prazer e fúria.

Caleb: São Paulo sempre foi e continua sendo o 'paraíso' punk brasileiro, o centro de tudo; isso acaba gerando muita coisa boa, e muita coisa negativa também, a história está aí para comprovar isso. Bem, eu tenho ido com uma freqüência razoável à SP, adoro estar aí, o acesso é enorme, seja a informação, bandas, materiais, livros, enfim... é o centro; porém eu não gosto da cidade em si muito cinza, muito barulho , muita gente fazendo nada em tudo, quanto mais pessoas envolvidas ou achando q estão/são envolvidas em algo, maior a possibilidade de tumulto, maior a possibilidade de intriga, e vejo isso, vivi experiências do tipo aí; muita língua afiada mas que infelizmente só fala pelas costas, etc.. Mas como todo lugar, muita gente boa também, gente disposta a olhar para além do próprio umbigo, e enxergar o punk, o anarquismo além de suas próprias perspectivas muitas vezes pré-moldadas e preconceituosas . Nossa estadia aí foi tranqüila, revemos amigxs, aproveitamos o festival de encerramento do impróprio, que também foi muito produtivo, e com certeza, quanto mais oportunidades aparecerem para se criar vínculos e compartilhar esses dois mundos distintos, a nossa realidade e a de vocês, mais abertos e dispostos estaremos para isso.

***Vocês são uma banda que se assume anarcopunk, como vocês analisam a movimentação anarcopunk em ambito mundial e nacional na atualidade.**

Maldito: A cena punk a nível mundial vejo em uma constante crescente, um bom exemplo é Indonésia que sempre nos apresenta boas bandas e um fortalecimento da cena na Ásia. Ainda temos a América Latina que esta efervescente. Sem contar ainda a Europa e a América do Norte. Com a internet facilitando essa avalanche punk. A nível nacional, principalmente no nordeste acima, ainda tem muito a se desenvolver. E todos os esforços são importantes e necessários. Temos pouquíssimos registros fonográficos, espaços para eventos são poucos e praticamente nenhum apoio de loja ou estação de radio. De certa parte essas dificuldades nos fortalecem. Gostaria de por em pratica um projeto a nível nacional se possível, ter um dia de sábado onde varias bandas anarcopunks tocassem nas praças publicas com o intuito de levar informação subversiva fazendo a população refletir. E que esse evento acontecesse todos os anos. E isso seria melhor se se tornasse a nível mundial. Estou sonhando muito, mais isso é possível e seria maravilhoso.

Nal: Quando se fala em "movimento", dá a idéia de que a coisa é uniforme. Dentro do anarcopunk há vários caminhos, então eu acho mais interessante que aquele grupo, aquele indivíduo, aquela banda, enfim, haja de acordo com sua realidade local. Não adianta você pegar coisas de fora do país, ou até mesmo fora do seu estado, se sua realidade é outra. Não vai dar certo. Hoje não vejo essa movimentação. Como disse acima, a coisa tá solta.

Bal: cada vez mais musical...

Caleb: eu concordo com Bal quando diz que está "cada vez mais musical", isso não é só em relação ao anarcopunk, mas a todos os grupos que tenho conhecimento; felizmente estamos voltando a ter cada vez mais zines impressos também, encontros e discussões que têm trazido para dentro do movimento, de uma forma geral, uma enormidade de temas vinculados a sociedade, à formas de vida autossustentáveis, etc. e que por muito ficaram de fora ou não receberam o enfoque que mereciam por nós... Há muita coisa para se rever, novos mundos para se pensar, idéias a se trabalhar e de fato ser consumido pelo desejo de ação e mudança, e infelizmente temos nos limitado e acomodado em apenas repetir passos já dados anteriormente ou simplesmente ficar bem doidão em casa escutando Discharge.

***Na opinião de vocês, qual a importância do anarcopunk para o crust?**

Maldito: O crust é um dos filhos 'bastard' do anarcopunk, ideologicamente bebendo na fonte punk. Sendo o fundo lastro deste. A importância é vital para ambos.

Bal: em minha opinião não existe o crust sem o anarco/punk, o crust depende de uma postura anarco (de que adianta atitude sem postura?)

Nal: O lado "político" da coisa.

***No momento, as pessoas nas cenas crust, grind, punk de certa forma estão muito mais ligadas a musica do que a posturas contra culturais, como vocês analisam isto?**

© 2011 Elaine Campos

Bal: acredito que o som é importante até para aproximar as pessoas, fazer com que mais pessoas se envolvam com um movimento, infelizmente para a maioria o som é o único objetivo, isso porque existe muita gente que não se preocupa com o mundo a sua volta, é uma questão de adaptação ao meio, cada vez menos pessoas enxergam a podridão do ser humano .

Nal: Vejo isso como uma coisa "natural", quando não se vê e nem se procura possibilidades de mudanças. Então a parte musical fica como uma "válvula de escape".

Maldito: Infelizmente sempre veremos isso, mas cabe ao punk escrever sua história. "quem pintaria sobre nós punk´s melhor do que nós mesmos." O fortalecimento e/a identidade só cabe a nós imprimirmos no seio do punk.

Caleb: Enquanto essa veia política, contra-cultural existir, essa militância que, na minha opinião, não pode ser/estar desvinculada da música punk e dos grupos punx existir, ainda que levada a sério pela menor parte, estará valendo a pena fazer uma banda e se ter grupos musicais, a partir do momento que deixar existir, é melhor que o HC/punk/crust/grind/ etc. morra também. Porque de verdade, não vejo diferença nenhuma dess@s pessoas que enxergam o punk/crust/grind apenas como música em relação às outras pessoas que escutam qualquer outro tipo de som... se o punk/crust/ grind/ hc vai se limitar apenas à música é melhor que não exista... barulho por barulho não vai nos levar a lugar algum... pior é que ainda tenho que ouvir de certos marmanjos por aí que o HC salvou ele, salvou de que?! De outro estilo musical?! É foda...

***Enquanto anarquistas, como vocês visualizam esta forma de luta nos dias de hoje.**

Bal: Difícil e sem esperança de mudança em grande escala. Existe sim, uma possibilidade de mudança das pessoas que vivem à nossa volta (inclusive nossa) acredito que estamos aprendendo muita coisa e vivemos de forma muito diferente em relação ao passado recente, isso faz com que passemos a viver cada dia de forma mais coerente com o que nossas letras dizem.

fernandogomes

Nal: Não vejo, sinceramente. Mas acredito que devemos cotidianizar o anarquismo, e não ficar somente nesta idéia de "luta de classes". O anarquismo é muito mais que isso.

Maldito: Ainda um sonho utópico, mas vejo como o ultimo estagio de uma sociedade organizada. Onde realmente vai levar dignidade e humanismo à humanidade. Somos um germe epidêmico à levar essa

informação para/na sociedade. "todo governo é injusto, e rebelar-se é um dever crucial."

Caleb: Cara, já foi-se o tempo em que mudanças aconteciam baseadas em palavras e que discursos bonitos arrastavam multidões. Hoje estão todxs de olhos, ouvidos, mentes e corações fechados à qualquer chamada que tenha que faze-lxs lutar, todxs céticxs e sem perspectiva de mudança, acomodadxs, já tem um modo de viver e não querem abrir mão dele porque acreditam que está ruim assim, mas seria pior de outra forma, ou simplesmente que tem gente em situação mais lamentável; por isso, cada vez mais, é necessário coerência, assim como Bal e Nal já falaram, o anarquismo deve ser levado a todas às áreas de nossas vidas, seja em um trabalho, em uma escola, faculdade, modo de tratar as pessoas, atenção com as brincadeirinhas carregadas de preconceito e maldade, temos que ser honestos conosco mesmo, para primeiramente podermos acreditar em nós mesmos e depois fazer com que outrxs também acreditem... esse papo de falar bonito e agir como todxs os porcos que tanto condenamos já deu, essa é a forma de luta que pode gerar mudança em pequenas escalas; em grandes escalas?! Difícil prever... Estão todxs muito acostumados ao açoite, não serão nossos desejos de mudança, anseios e palavras de ódio que vão despertar a "grande fera".

***Na musica "Somos" vocês dizem "Nós não acreditamos na igreja ou qualquer soberano impostor" qual a opinião de vocês em relação a religiosidade e sua ligação com o estado.**

Bal: Enquanto libertário minha ligação com o estado não existe (pelo menos não em minha mente), com relação a religiosidade, não acredito que uma postura libertária combine com a crença de que existe uma criatura ou um ser superior que tenha poder sobre nossas vidas, não acredito em destino, carma, ou qualquer uma dessas baboseiras que igrejas, centros e outras entidades pregam. Tenho absoluta certeza de que deus não existe.

Maldito: A religião e o estado mantêm o povo acefálico, sendo conduzido como gado. Uma forma da manutenção da ordem vigente. Então propagamos as idéias acracistas buscando a revolta popular. Na transformação radical da sociedade.

Caleb: Em todos os momentos da história a gente vê o troca-troca de poder, uma hora a Igreja é o Estado, em outro momento o Estado é a Igreja, quando não conseguem dividir o poder, se comem, é o exemplo da uma conhecida doutrina ditatorial que era a favor da abolição da igreja, quando dividem, comem a todos nós... Ambos julgam estar acima de nós, ambos querem nos controlar, ditar o modo como devemos viver, como nos comportar, agir... Nos usurpam diariamente fisicamente, psicologicamente, moralmente e em todos os sentidos possíveis. Admitir a necessidade de um, para mim é o mesmo q admitir a necessidade do outro, e o pior de tudo é que a praga do ser humano com todo o passar dos séculos ficou tão acostumada a tê-los sobre suas cabeças que desaprendeu a viver em harmonia com quaisquer outros humanos ou com quaisquer outras espécies, quando o faz hoje é com medo da punição, seja ela através do Estado, uma multa, uma prisão uma aflição física ou através da religião/religiosidade a perda do galardão, do lugar no novo mundo celestial uma aflição "espiritual".

Nal: Eu já fui mais radical em relação à religião. Hoje vejo que algumas pessoas tem a necessidade de se "ligar" a algo, seja lá o que for. Entenda que não estou confirmando/afirmando que "deus" ou algo do tipo existe. Mas quando isso passa a cegar a pessoa, quando ela só acredita que o "salvador" virá para resolver seus problemas e ficar só rezando, aí fode tudo. E religião com o Estado, são duas forças opressoras que sacaram que juntas dominam mais fácil.

***Vocês estão envolvidos em outros projetos, coletivos e/ou outras atividades contra culturais?**

Nal: Estava de fato envolvido só com a Rancor, mas agora começamos uma nova experiência com @s migux@s querid@s

Caleb: Além da Mácula em que grito, já são 3 anos de amor aí com a Rancor, e com o blog **crust-or-die** (mais sobre o blog na seção de links. n.e.) que felizmente há pouco passou a ser uma distro, e ainda um coletivo também, estamos expandindo os tentáculos do crust-or-die hehehe e breve todxs teremos novidades a respeito da Agnósia. Desde o começo dos anos 2000 com maior freqüência a partir de 2007 eu e Bal temos organizados gigs e tocadas por Simões filho, sendo que hoje todos da rancor, do coletivo, etc. ajudam de modo eficiente fazendo sempre o que está ao alcance de suas mãos.

Maldito: Eu fazia parte do MAP, agora não temos nenhum grupo estabelecido. As coisas que por aqui estão sendo feitas são restritamente por algumas bandas, grupos e pessoas. E também mantendo contato com bandas e pessoas de fora. Mantendo a vivencia anarcopunk ativa e constante.

Bal: em termos de banda mácula, expurgado e o coletivo crust-or-die, dele está saindo a Agnósia novidade!

***Agradeço a atenção e a paciência, e fica o espaço para dizer o que quiser!**

Nal: Valeu, Gritão. Saia um pouco aí dessa loucura cinzenta e venha comer um aracajé e beber uma cervejinha conosco. Eheheheeh

Maldito: Agradeço muito também a oportunidade e sempre que formos solicitados, teremos o prazer em participar. E o fortalecimento da cena anarcopunk só cabe a nós mesmos. Como célula desse corpo cancerígeno chamado punk no seio da sociedade pela transformação social. Pela postura anarco-core.
www.myspace.com/rancorcrustcore

Caleb: Gritão, valeu mesmo pelo espaço, pela simpatia de pessoa que você é gluglu glu ; sempre que precisar de algo conte conosco e apareça assim que puder, porque eu vou fazer o mesmo, se prepare para me atender qualquer dia batendo em sua porta. Espero que todxs que tenham acesso ao zine e a entrevista sintam-se à vontade para nos procurar, ameaçar ou dialogar. Maldito já deixou o myspace da Rancor, então segue:

Email:
caleb_lagrimasdeodio@hotmail.com
jmatoscore@gmail.com
andreluizjuliao@hotmail.com
nal.rancor@gmail.com

BLOG CRUST-OR-DIE
http://crust-or-die.blogspot.com/
Contato conosco:
A/C Caleb Macedo
Caixa postal 121 Cep 43700-000
Simões Filho - BAHIA

Entrevista DEFY

Defy é uma banda de São Paulo surgida em 2008. Fazem um Crustcore com influências de Death Metal e com letras politizadas! A entrevista foi respondida pelo vocalista Falão!

***Quando a banda começou?**

- Bem, começamos com a banda em maio de 2008, mas ela ficou parada de janeiro até dezembro de 2009, e estamos aê desde então.

***Quais são os materiais lançados até agora?**

- Até o momento, lançamos um cd-demo com 8 sons em fevereiro de 2010, porém as músicas foram gravadas em agosto de 2008 na primeira formação da banda; já com a nova formação gravamos 2 sons para um split 7" com o **Risposta** (CZ) em 2010 e agora no começo de 2011 gravamos outros 2 sons para um split 7" com os nossos amigos do **Terror Revolucionário.**

***Qual a formação inicial e a atual?**

- A primeira formação contava com o Denito na bateria, Lepre no baixo, Juliano na guitarra e eu no vocal; atualmente, desde fevereiro de 2010, o Fernando está na guitarra conosco.

***Qual foi a proposta sonora inicial da banda?**

- Era, e é, realmente simples, tocar crust com bastante influência de thrash e death metal; tentando soar da melhor maneira possível, pois, no final das contas, somos carroceiros hehehe;

***Quais bandas são influência para vocês?**

- Bandas crusties em geral, final dos '80 e início dos '90, e também as bandas de death e thrash metal da mesma época; Doom, Disrupt, Entombed, Warcollapse, Accion Mutante , State of Fear, Sepultura antigo , Hellshock, Bolt Thrower, Dismember;

***E de bandas brasileiras?**

- Porra, não poderia deixar de mencionar novamente o Sepultura antigo , Ratos de Porão (conseguiram desbravar o caminho punk-metal de uma forma foda), Abuso Sonoro;

***Fora da música, o que influencia o som e as letras da banda?**

- A questão lírica da banda não se restringe apenas a outras bandas, mas sim, grande parte dos temas, é tudo aquilo que vivenciamos em nosso dia-a-dia, e a nossa impressão sobre os fatos; no Brasil, não faltam temas para letras, não é mesmo?! Hehe

***Vocês realizaram uma mini-tour recentemente, contem como foi!**

\- Cara, foi uma experiência muito foda, foram dois shows, um em Brasília e outro em Goiânia, ambos foram indiscritíveis, fudidaços;
o de Goiânia foi numa sala de estúdio de 3x4 m2, LOTADA, mal dava pra se mexer, tava um calor de uns 45*C lá dentro haha e o rolê foi ainda mais foda, principalmente, por compartilharmos a estadia, shows, rangos e tudo mais com grandes amigos: Samael, Barbosa, Fellipe CDC, Adriana, Poney e o resto da turma; a galera de Brasília nos conquistou fudido, galera muito firmeza e unida, fizemos muitos amigos nos 3 dias que passamos por lá, realmente espero voltarmos, no próximo ano, pra lá para tocar e revê-los todos.

Quais as dificuldades em relação a trabalho, sobrevivência e afins e manter uma banda?

\- Felizmente nenhum membro da banda passa por dificuldades em relação a trabalho, mas também não é nada demais, os perrengues continuam, hahaha mas por não termos nenhum vício e tals, fora comprar discos hehe, então rola de levar a banda 'tranquilamente', metemos as caras nessa porra, de uma forma ou de outra, i.e., via material e/ou instrumentos, toda a grana que temos e não temos (aí as dívidas começam ahaha);pois não rola ficar esperando a boa vontade das outras pessoas, selos, ou alguém que queira lhe ajudar de alguma forma, né?! temos que nos agilizar, fazemos algo que somos apaixonados, por isso buscamos, priorizamos, tudo que é relacionado a DEFY. E também buscamos ajudar outras bandas de amigos que gostariam de vir tocar na região, ou também em lançar material deles.

@2011 Elaine Campos

***As letras de vocês tratam direta e indiretamente de posturas libertárias, como a luta contra a**

discriminação, (Todos Iguais). Como vocês veem a questão da homofobia dentro da cena punk?

- Infelizmente existe preconceito em toda parte, e não se restringe apenas aos punks 'toscos'; existem punks homofóbicos, racistas, machistas e etc.; mas é um absurdo ver amigos sofrerem um 'boicote' ao demonstrar a sua sexualidade, e outros 'amigxs' virarem a cara à pessoa e outras posturas ainda mais bizarras. O Punk, em geral, ainda está longe de ser algo livre de pré-conceitos e violência.

***Vocês acreditam que, assim como na sociedade em geral, há uma padronização estética e comportamental dentro da cena punk?**

- Sim, com certeza; é difícil encontrar pessoas que pensem, sigam um caminho por si só, que tenham ideias próprias, fora aquilo que já lhe vem digerido nas mais diversas formas; pensem mais, tenham uma OPINIÃO!!!

Na música "como esses merdas sobrevivem", vcs tratam da praga nazista, como vcs veem a ascensão do fascismo no mundo e se algum de vcs já tiveram problemas com lixos do genero.

- É algo para se preocupar SIM, pois esses movimentos, desde o término da segunda guerra, continuaram vivos mas escondidos, toda a movimentação por detrás dos panos; agora não, há muito financiamento para treinamento, fortalecimento, criação de partidos de extrema-direita e tudo mais; por sorte não tivemos nenhum problema com eles, mas soube recentemente em um show nosso em São Bernardo, que um skin ficou olhando e apontando o dedo para mim, no momento em que tocávamos "como esses merdas sobrevivem";

***Vocês participaram da coletanea Vegantifascista - Anti-Especismo, com a musica Parem a Vivissecção, vocês são vegetarianos/vegans? Como vocês veem a luta para se ter uma vida livre de crueldade animal?**

- Sim, somos todos vegetarianos sim; essa luta é algo que apoiamos 100%, basta de animais sofrendo e morrendo por causa da nossa ignorância. Mas sem discursos autoritários e pregação; só tentando viver de uma maneira a prejudicar o meio-ambiente o mínimo possível.

***A banda tem alguma postura politica definida? Vocês tem**

outras atividades contraculturais? (distros, zines e afins)

- Não, não temos nenhuma postura política, e também não fazemos parte de nenhum grupo de atividade contra-cultural; embora não fazermos parte,nós incentivamos, e gostamos de zines (impressos ou internet) e outras práticas, divulgações, informações e etc; pois tudo isso é necessário para a 'cena' num tôdo;

***No momento, as pessoas nas cenas crust, grind, punk de certa forma estão muito mais ligadas a música do que a posturas contra culturais,como vocês analisam isto? qual a importância das letras pra vocês?**

- Como disse no começo da entrevista, foi a questão sonora que nos motivou a fazer a banda; mas não nos limitamos a isso, a parte lírica também é muito importante, um ponto completa o outro; senão não teríamos motivo de dizermos que somos uma banda crust com influências de death e thrash metal.

***Agradeço pela atenção e a paciência, e fica o espaço para dizer o que quiser!**

- Valeu Gritão, pela conversa e ajuda/espaço na divulgação da banda!! "RECUSE TUDO O QUE FOR IMPOSTO À VOCÊ - OPONHÃ-SE!!"

Entrevista DISTANÁSIA

Banda Crust de Maringá que faz um crust com influência de hardcore anos 80! A entrevista foi respondida pelo bateirista Denis Maka!

***Quando a banda começou?**

-Começou em meados de 2005, como banda mesmo! mais temos riffs prontos desde 2004, quando faziamos um barulho apenas eu e o Rustuck!

***Quais são os materiais lançados até agora?**

- Apenas a demo de 2006, até temos material gravado para sair um split que está enrolado aí a uns 2 anos ou mais .

***Novos materiais em vista?**

-Procurando selos para um split com o **Deskarga Etilika** de portugal e fazendo sons novos para uma nova demo!

***Qual a formação inicial?**

- Maka - bateria - Rustuck - guitara - Caverinha - baixo e Cb - vocal

***Sei que vocês tiveram certos problemas em manter um baixista, por quais formações a banda passou e qual é a atual?**

-Depois do Caverinha passaram a Barbara que também toca no **Desgraceria**, o Hassegawa e agora estamos com o Junior grande amigo nosso que agora entrou pra banda!

***Qual foi a proposta sonora inicial da banda e qual a atual?**

-No começo faziamos um hc oitentista que muitos diziam lembrar o lobotomia, mais tinha umas pitadas do crust e algumas passagens grind no som, de lá pra cá a parada ficou mais crust e é o som que fazemos hoje em dia, crustcore.

***Quais bandas são influencia pra de vcs?**

-Anti cimex wolfpack/wolfbrigade, doom, ent, disrupt, napalm death, riistetyt discharge e por ai vai

***E de bandas brasileiras?**

-Social chaos, rot, lobotomia , scum noise, disarm, armagedom..

Fora da musica, o que influencia o som e as letras da banda?

-O nosso dia a dia né mano, a banda é um jeito de expressar nosso descontentamento com o que vivemos e vemos por aí todos os dias.

***Eu conheci voces tocando em $P, me contem quais são suas impressões desta cena.**

-Passamos por ai em 2007 e gostei bastante, pois ainda não haviamos tocado para um público bem específico como tocamos em SP! Pelo que vi a cena funciona bem, com bandas, espaços para eventos e tal, coletivos!

***Como é a cena aí de Maringá?**

-Pouca gente interessada....

***Na musica "Liberdade é só ilusão" vocês tratam da escravidão atual, como é pra vocês manter uma banda e ter de lutar pela sobrevivencia, quais são as dificuldades?**

-As dificuldades são todas cara, viver no terceiro mundo e ter uma banda é pra gerreiro mesmo cara, e isso hoje em dia, agora pras bandas punks do começo aqui no bra$il ai sim tem que se tirar o chapéu!

***Vocês têm outras atividades contraculturais? (distros, zines e afins)**

-Eu (Maka) levo uma distro de camisetas e patchs e também ajudo na produção de gigs aqui em maringá

***Agradeço a atenção e a paciencia, e fica o espaço para dizer o que quiser!**

-Abraço aí pra quem tá lendo isso aqui e esperem que logo têm material novo do Distanásia ai na rua. Valew!

CAOS
Hakim Bey

O CAOS NUNCA MORREU.

Bloco não lapidado primordial, único monstro venerável inerte e espontâneo, mais ultravioleta do que qualquer mitologia (como as sombras frente à Babilônia), a original e indiferenciada unidade - do - ser ainda se irradia serena como as flâmulas negras dos Assassinos, aleatória & perpetuamente intoxicada.
O Caos surgiu antes de todos os princípios de ordem & entropia, não é nem um deus nem um verme, seus desejos insensatos circundam & definem todas as coreografias possíveis, todos os éteres & flogistons: suas máscaras são cristalizações de seu próprio rosto inexistente, como nuvens.

Tudo na natureza é perfeitamente real, incluindo a consciência; não há absolutamente nada com o que se preocupar. Não apenas os grilhões da Lei foram quebrados; eles nunca existiram: demônios nunca vigiaram as estrelas, o Império nunca se iniciou, Eros nunca deixou a barba crescer.
Não, ouça, o que aconteceu foi o seguinte: eles mentiram para ti, venderam-te idéias de bem & mal, fizeram-te perder a confiança em teu próprio corpo & sentir vergonha por teus dons de profeta do caos, inventaram palavras de desprezo para teu amor molecular, te hipnotizaram com distrações, te entediaram com a civilização & todas suas emoções usurárias.

Não há transformação, nem revolução, nem luta, nem caminho; já és o monarca de tua própria pele tua liberdade inviolável espera para ser completada apenas pelo amor de outros monarcas: uma política de sonho, urgente como o azul do céu.

Para desfazer todos os direitos & hesitações ilusórios da história, é necessária a economia de uma lendária Idade da Pedra: xamãs ao invés de padres, bardos ao invés de senhores, caçadores ao invés de policiais, coletores dotados de preguiça paleolítica, gentis como sangue, saindo nus por aí ou pintados como pássaros, equilibrados na onda da presença explícita, o agora-e-sempre atemporal.

Agentes do caos deitam olhares flamejantes sobre qualquer coisa ou pessoa capaz de prestar testemunho à sua condição, à sua febre de *lux et voluptas*. Estou

desperto apenas naquilo que amo & desejo ao ponto do terror: todo o resto é apenas mobília coberta, anestesia cotidiana, merda na Avatares do caos agem como espiões, sabotadores, criminosos do amour fou, nem generosos nem egoístas, acessíveis como crianças, educados como bárbaros, esfolados por obsessões, desempregados, sensualmente tresloucados, lobos angelicais, espelhos para contemplação, olhos como flores, piratas de todos os signos & sentidos.

Cá estamos nos arrastando pelas rachaduras nos muros da igreja estado escola & fábrica, todos os monólitos paranóides. Cortados da cabeça, tédio sub-reptiliano de regimes totalitários, censura banal & dor inútil.

tribo por uma nostalgia furiosa, escavamos em busca de palavras perdidas, bombas imaginárias.

O último feito possível é aquele que define a percepção em si, um invisível cordão dourado que nos conecta: dança ilegal nos corredores do tribunal. Se eu te beijasse aqui eles chamariam isso de ato de terrorismo: vamos então levar nossas pistolas para a cama & acordar a cidade à meia-noite, como bandidos bêbados celebrando com uma fuzilaria a mensagem do gosto do caos.

MOTIVAÇÕES DO BLACK BLOCK SOBRE A VIOLÊNCIA DA PROPRIEDADE

ACME

A principal intenção deste comunicado é dissipar um pouco da aura de mistério em tomo do Black Block e tomar algumas das suas motivações mais transparentes, uma vez que nossas máscaras não podem ser.

Sustentamos que a destruição de propriedade não é uma atividade violenta a menos que ela destrua vidas ou cause dor no processo. Por essa definição, a propriedade privada - principalmente a propriedade privada corporativa - é em si própria muito mais violenta do que qualquer ação tomada contra ela. A propriedade privada deveria ser distinguida da propriedade pessoal. Essa última é

baseada no uso, enquanto a primeira é baseada no comércio. A premissa da propriedade pessoal é que cada um de nós possui o que precisa. A premissa da propriedade privada é que cada um de nós possui alguma coisa que outra pessoa precisa ou quer. Em uma sociedade baseada no direito de propriedade privada, aqueles que são capazes de provir mais aquilo que outros necessitam ou querem, possui mais poder. Por conseqüência, eles exercem maior controle sobre a concepção de necessidades e desejos dos outros, normalmente com o interesse de ampliar seus próprios ganhos.

Defensores do "livre comércio" gostariam de ver este processo ir até sua conseqüência lógica: uma rede de algumas poucas indústrias monopolistas com máximo controle sobre a vida detodos. Defensores do "comércio justo" gostariam de ver este processo amenizado por regulações governamentais destinadasa a impor superficialmente padrões humanitários.

Como anarquistas, desprezamos ambas posições. A propriedade privada - e o capitalismo, por extensão - é intrinsecamente violento e repressivo e não pode ser reformado ou amenizado. Quer o poder de todos esteja concentrado nas mãos de algumas poucas corporações dominantes, ou quer seja convertido em um aparato regulatório encarregado de abrandar os desastres destas últimas, ninguém pode ser tão livre ou ter tanto poder sobre sua vida quanto poderia se estivesse em uma sociedade não hierárquica.

Quando destruímos uma vitrine, queremos destruir o fino verniz de legitimidade que circunda o direito de propriedade privada. Ao mesmo tempo, exorcizamos o conjunto de reações violentas e destrutivas que tem se impregnado em quase tudo em nossa volta. "Destruindo" a propriedade privada, convertemos seu limitado valor de troca em um expandido valor de uso. Uma janela frontal toma-se um respiradouro que deixa entrar um pouco de ar fresco na atmosfera opressiva de um estabelecimento vanjista (pelo menos até a policia decidir atirar gás lacrimogêneo a um bloqueio de rua próximo). Uma máquina de vender jornal tornase um instrumento para criar esses respiradouros ou uma pequena barricada para reclamar o espaço público, ou um objetopara se enxergar mais longe subindo nela. Uma caçamba de lixo torna-se um obstáculo para uma falange de policiais de choque e uma fonte de luz e calor. Uma fachada de prédio torna-se um mural de mensagens para se gravar idéias por um mundo melhor, que surgem num momento de inspiração.

Após o N30, muitas pessoas jamais verão uma vitrine de loja ou um martelo do mesmo modo como viam antigamente. Os potenciais usos de uma paisagem urbana inteira aumentaram mil vezes. O número de janelas quebradas perde a

importância em comparação ao número de feitiços quebrados - feitiços lançados pela hegemonia corporativa para nos embalar no esquecimento de todas as violências cometidas em nome do direito de propriedade privada e de todo potencial de uma sociedade sem ela.

Janelas quebradas podem ser fechadas com tábuas (com ainda mais destruição de florestas) e finalmente substituídas, mas o estilhaçamento das visões estabelecidas quiçá persistirá por um bom tempo.

Contra o Capital e o Estado
O Coletivo "Revolta Camponesa!"
ACME

INTRODUÇÃO A VIDA NÃO FASCISTA

Michel Foucault

Durante os anos 1945-1965 (falo da Europa) existia uma certa forma correta de pensar, um certo estilo de discurso político, uma certa ética do intelectual. Era preciso ser unha e carne com Marx, não deixar seus sonhos vagabundearem muito longe de Freud e tratar os sistemas de signos - e significantes - com o maior respeito. Tais eram as três condições que tornavam aceitável essa singular ocupação que era a de escrever e de enunciar uma parte da verdade sobre si mesmo e sobre sua época.

Depois, vieram cinco anos breves, apaixonados, cinco anos de jubilação e de enigma. Às portas de nosso mundo, o Vietnã, o primeiro golpe em direção aos poderes constituídos. Mas aqui, no interior de nossos muros, o que exatamente se passa? Um amálgama de política revolucionária e anti-repressiva? Uma guerra levada por dois frontes - a exploração social e a repressão psíquica? Uma escalada da libido modulada pelo conflito de classes? É possível. De todo modo, é por esta interpretação familiar e dualista que se pretendeu explicar os acontecimentos destes anos. O sonho que, entre a Primeira Guerra Mundial e o acontecimento do fascismo, teve sob seus encantos as frações mais utopistas da Europa - a Alemanha de Wilhem Reich e a França dos surrealistas - retornou para abraçar a realidade mesma: Marx e Freud esclarecidos pela mesma incandescência.

Mas é isso mesmo o que se passou? Era uma retomada do projeto utópico dos anos trinta, desta vez, da escada da prática social? Ou, pelo contrário, houve um movimento para lutas políticas que não se conformavam mais ao modelo prescrito pela tradição marxista? Para uma experiência e uma tecnologia do desejo que não eram mais freudianas? Brandiram-se os velhos estandartes, mas o combate se deslocou e ganhou novas zonas.
O Anti-Édipo mostra, pra começar, a extensão do terreno ocupado. Porém, ele faz muito mais. Ele não se dissipa no denegrimento dos velhos ídolos, mesmo se se diverte muito com Freud. E, sobretudo, nos incita a ir mais longe.
Ler o Anti-Édipo como a nova referência teórica seria um erro de leitura (vocês sabem, essa famosa teoria que se nos costuma anunciar: essa que vai englobar tudo, essa que é absolutamente totalizante e tranqüilizadora, essa, nos afirmam, "que tanto precisamos" nesta época de

dispersão e de especialização, onde a "esperança" desapareceu). Não é preciso buscar uma "filosofia" nesta extraordinária profusão de novas noções e de conceitos-surpresa. O Anti-Édipo não é um Hegel brilhoso. A melhor maneira, penso, de ler o Anti-Édipo é abordá-lo como uma "arte", no sentido em que se fala de "arte erótica", por exemplo. Apoiando-se sobre noções aparentemente abstratas de multiplicidades, de fluxo, de dispositivos e de acoplamentos, a análise da relação do desejo com a realidade e com a "máquina" capitalista contribui para responder a questões concretas. Questões que surgem menos do porque das coisas do que de seu como. Como introduzir o desejo no pensamento, no discurso, na ação? Como o desejo pode e deve desdobrar suas forças na esfera do político e se intensificar no processo de reversão da ordem estabelecida? *Ars erótica, ars theoretica, ars política.*

Daí os três adversários aos quais o Anti-Édipo se encontra confrontado. Três adversários que não têm a mesma força, que representam graus diversos de ameaça, e que o livro combate por meios diferentes.

1) Os ascetas políticos, os militantes sombrios, os terroristas da teoria, esses que gostariam de preservar a ordem pura da política e do discurso político. Os burocratas da revolução e os funcionários da verdade.

2) Os lastimáveis técnicos do desejo - os psicanalistas e os semiólogos que registram cada signo e cada sintoma, e que gostariam de reduzir a organização múltipla do desejo à lei binária da estrutura e da falta.

3) Enfim, o inimigo maior, o adversário estratégico (embora a oposição do Anti-Édipo a seus outros inimigos constituam mais um engajamento político): o fascismo.

E não somente o fascismo histórico de Hitler e de Mussolini - que tão bem souberam mobilizar e utilizar o desejo das massas -, mas o fascismo que está em nós todos, que martela nossos espíritos e nossas condutas cotidianas, o fascismo que nos faz amar o poder, desejar esta coisa que nos domina e nos explora.

Eu diria que o Anti-Édipo (que seus autores me perdoem) é um livro de ética, o primeiro livro de ética que se escreveu na França depois de muito tempo (é talvez a razão pela qual seu sucesso não é limitado a um "leitorado" "lectorat" particular: ser anti-Édipo tornou-se um estilo de vida, um modo de pensar e de vida). Como fazer para não se tornar fascista mesmo quando (sobretudo quando) se acredita ser um militante revolucionário? Como liberar nosso discurso e nossos atos, nossos corações e nossos prazeres do fascismo? Como expulsar o fascismo que está incrustado em nosso comportamento? Os moralistas cristãos buscavam os traços da carne que estariam alojados nas redobras da alma. Deleuze e Guattari, por sua parte, espreitam os traços mais ínfimos do fascismo nos corpos. Prestando uma modesta homenagem a São Francisco de Sales, se poderia dizer que o Anti-Édipo é uma Introdução à vida não fascista.
Essa arte de viver contrária a todas as formas de fascismo, que sejam elas já instaladas ou próximas de ser, é acompanhada de um certo número de princípios essenciais, que eu resumiria da seguinte maneira se eu devesse fazer desse grande livro um manual ou um guia da vida cotidiana:

- Libere a ação política de toda forma de paranóia unitária e totalizante;

- Faça crescer a ação, o pensamento e os desejos por proliferação, justaposição e disjunção, mais do que por subdivisão e hierarquização piramidal;

- Libere-se das velhas categorias do Negativo (a lei, o limite, a castração, a falta, a lacuna), que o pensamento ocidental, por um longo tempo, sacralizou como forma do poder e modo de acesso à realidade. Prefira o que é positivo e múltiplo; a diferença à uniformidade; o fluxo às unidades; os agenciamentos móveis aos sistemas. Considere que o que é produtivo, não é sedentário, mas nômade;

- Não imagine que seja preciso ser triste para ser militante, mesmo que a coisa que se combata seja abominável. É a ligação do desejo com a realidade (e não sua fuga, nas formas da representação) que possui uma força revolucionária;

- Não utilize o pensamento para dar a uma prática política um valor de verdade; nem a ação política, para desacreditar um pensamento, como se ele fosse apenas pura especulação. Utilize a prática política como um intensificador do pensamento, e a análise como um multiplicador das formas e dos domínios de intervenção da ação política;

- Não exija da ação política que ela restabeleça os "direitos" do indivíduo, tal como a filosofia os definiu. O indivíduo é o produto do poder. O que é preciso é "desindividualizar" pela multiplicação, o deslocamento e os diversos agenciamentos. O grupo não deve ser o laço orgânico que une os indivíduos hierarquizados, mas um constante gerador de "desindividualização";

- Não caia de amores pelo poder.
Se poderia dizer que Deleuze e Guattari amam tão pouco o poder que eles buscaram neutralizar os efeitos de poder ligados a seu próprio discurso. Por isso os jogos e as armadilhas que se encontram espalhados em todo o livro, que fazem de sua tradução uma verdadeira façanha. Mas não são as armadilhas familiares da retórica, essas que buscam seduzir o leitor, sem que ele esteja consciente da manipulação, e que finda por assumir a causa dos autores contra sua vontade. As armadilhas do Anti-Édipo são as do humor: tanto os convites a se deixar expulsar, a despedir-se do texto batendo a porta. O livro faz pensar que é apenas o humor e o jogo aí onde, contudo, alguma coisa de essencial se passa, alguma coisa que é da maior seriedade: a perseguição a todas as formas de fascismo, desde aquelas, colossais, que nos rodeiam e nos esmagam até aquelas formas pequenas que fazem a amena tirania de nossas vidas cotidianas.

BIOGRAFIABIOGRAFIABIOGRAFIABIOGRAF

MAN THE CONVEYORS

A banda foi formada em 2003 em Massachusetts por e LB e o casal Christina e Eric, começou como uma piada, fariam uma banda para ver se Christina aprendia a cantar. (E o resultado nota-se que foi maravilhoso!)

Em seguida entrou Paul como segundo vocalista e passaram por varios baixistas antes da primeira gig, dois dias antes desta gig o baixista tem uma infecção de garganta, tendo que ser rapidamente substituido, em seu lugar entra Jeff, irmão de LB, ele pega todas as músicas nestes dois dias e assim fazem sua primeira gig. Pouco tempo depois Paul deixa a banda, porque tinha diversas outras, e no seu lugar entra Mark, e é esta a formação principal da banda, os irmãos Jeff e LB, Mark e o casal Christina e Eric. A posteriori, temos Matt do Behind Enemy Lines como segundo guitarrista e esta é a formação final.

As influências de Extreme Noise Terror e Disrupt antigo são latentes, por vezes também lembram State of Fear e Wartorn, crustcore na tora com duas guitarras e vocal feminino/masculino!

O nome man the conveyors pode ter várias interpretações, é também uma expressão utilizada para "coiote", (quem transporta imigrantes ilegais(?) do deserto mexicano para os Estados Unidos) mas, segundo a própria banda, gira em torno da questão da construção da nossa posição como mão de obra de manutenção do sistema capitalista.

A maioria das letras foram feitas por Christina, mas

discutidas, modificadas e concluidas por todxs da banda, suas letras são extremamente críticas e polítizadas, como "Chauvinistic System", "Built on Bodies" e a "Wolf in Sheep's Clothing" (seria a nossa expressão Lobo em pele de cordeiro), dedicada as pessoas da cena que vestem nossas roupas, ouvem nossa musica, usam nossos patchs, mas não possuem nenhum tipo de posicionamento político ou contra cultural, vivem e reproduzem os mesmos preconceitos, como racismo e homofobia e tem bandas apenas para alcançar o mainstream.

Em contraposição fizeram a música, título de um album, Cheers!, que fala sobre a necessidade de também termos tempo para descansar, se divertir e beber com xs amigxs!

Lançaram os discos Man The Conveyors - st, em 2005, Upheld by Fear, em 2007, Cheers! em 2009 e o split And We Obey... com **The Skuds** em 2009.

No começo de 2010 a banda pára de organizar gigs, mas ainda toca em eventos que são convidados, e no final de 2010, a banda acaba de vez, infelizmente!

LINKSLINKSLINKSLINKSLINKSLINKSLINK

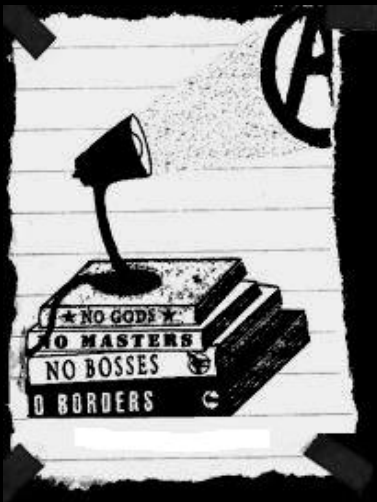
www.anarcopunk.org

A proposta do site é que este funcione como um meio de difusão das propostas, idéias, produções, movimentações, campanhas e expressões anarcopunks em sua diversidade. Conta com canais de diversos grupos, como MAP-SP, Coletivo Mentes Plurais e ORG@P-Lima, além disto possui um canal de notícias e um ótimo acervo de livros e vídeos para baixar!

www. crust-or-die.blogspot.com

O blog já existe faz um tempo e conta com um ótimo acervo de mp3 de bandas anarcopunks y crusties e de estilos afins, como sludge, grindcore e RABM, links diretos e sem complicações, além de disponibilizar também zines em imagem e/ou PDF e divulgação de encontros e eventos, agora funciona também como distro de materiais!

www.profaneexistence.org

O zine PROFANE EXISTENCE existe desde os anos 90 em papel, e já tem uns bons anos que também existe como site e funciona como distro, o site possui uma infinidade de materiais e textos e agora os zines que saim somente em papel podem ser baixados gratuitamente em PDF! Tanto o formato dos zines quanto o conteúdo foram e são de grande influência dentro da cena anarcopunk/crust.

nogods-nomasters.com

Distro nova e com proposta inovadora. Além de contar com um interessante acervo de LPs, mais camisetas, bottons, livros (um bom acervo da crimethic.) e zines (gringos e em papel, dificil de conseguir por aqui!), ainda tem a maravilhosa proposta de ajudar bandas a organizarem tour tanto no bra$il quanto na europa!

crusties for passion
not for fashion!